

A black and white portrait of Roland Barthes, an older man with white hair, wearing a dark jacket and a light-colored scarf. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is dark and out of focus.

Roland ^o **Roland**
Barthes _o **Barthes**

Tradução de
Leyla Perrone-Moisés





Roland Barthes

por Roland Barthes

Tradução

Leyla Perrone-Moisés



Estação Liberdade

Título original: *Roland Barthes par Roland Barthes*

© Éditions du Seuil, 1975 e 1995

© Estação Liberdade, 2003, para esta tradução

Revisão Tulio Kawata
Composição e projeto gráfico Pedro Barros e Edilberto F. Verza
Assistência editorial Flávia Moino e Máisa Kawata
Capa Wildiney Di Masi / Estação Liberdade
Ilustração de capa *Roland Barthes em casa*, 1979. Gamma / Keystone
Editor Angel Bojadsen

CIP-BRASIL – CATALOGAÇÃO NA FONTE
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B294r

Barthes, Roland, 1915-1980

Roland Barthes / por Roland Barthes ; tradução Leyla Perrone-Moisés. — São Paulo : Estação Liberdade, 2003 il.;

Tradução de: Roland Barthes par Roland Barthes
Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 85-7448-075-4

1. Barthes, Roland, 1915-1980. 2. Semiótica. 3. Filosofia francesa. I. Título.

03-0766

CDD 194

CDU 1(44)

A presente edição reproduz a edição original francesa de 1975 tal como foi desejada e concebida por Roland Barthes para a coleção “Écrivains de toujours” (apelidada *X par lui-même*). A bibliografia foi completada, e alguns documentos em preto e branco (principalmente as reproduções de desenhos do autor) foram substituídos pelas versões originais coloridas.

Todos os direitos reservados

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 – 01155-030 – São Paulo SP
Tel.: (11) 3661 2881 Fax: (11) 3825 4239
e-mail: editora@estacaoliberalidade.com.br
<http://www.estacaoliberalidade.com.br>

Tout ceci doit être considéré
comme dit par un personnage
de roman.

Tudo isto deve ser considerado
como dito por uma personagem
de romance.



Eis aqui, para começar, algumas imagens: elas são a cota de prazer que o autor oferece a si mesmo, ao terminar seu livro. Esse prazer é de fascinação (e, por isso mesmo, bastante egoísta). Só retive as imagens que me sideram, sem que eu saiba por quê (essa ignorância é própria da fascinação, e o que direi de cada imagem será sempre imaginário).

Ora, é preciso reconhecê-lo, são somente as imagens de minha juventude que me fascinam. Essa juventude não foi infeliz, graças à afeição que me cercava; foi entretanto bastante ingrata, por solidão e aperto material. Não é, pois, a nostalgia de um tempo feliz que me mantém encantado diante dessas fotografias, mas algo mais turvo.

Quando a meditação (a sideração) constitui a imagem como ser destacado, quando ela a transforma em objeto de um gozo imediato, não tem mais nada a ver com a reflexão, por sonhadora que fosse, de uma identidade; ela se atormenta e se encanta com uma visão que não é de modo algum morfológica (eu nunca me pareço comigo), mas antes orgânica. Abarcando todo o campo parental, a imageria age como um médium e me põe em relação com o "isto" de meu corpo; ela suscita em mim uma espécie de sonho obtuso, cujas unidades são dentes, cabelos, um nariz, uma magreza, pernas com meias compridas, que não me pertencem, sem no entanto pertencer a mais ninguém: eis-me então em estado de inquietante familiaridade: vejo a fissura do sujeito (exatamente aquilo de que ele não pode dizer nada). Disso decorre que a fotografia de juventude é, ao mesmo tempo,

muito indiscreta (é meu corpo de baixo que nela se dá a ler) e muito discreta (não é de "mim" que ela fala).

Não se encontrarão pois aqui, mescladas ao romance familiar, mais do que as figurações de uma pré-história do corpo — desse corpo que se encaminha para o trabalho, para o gozo da escritura. Pois tal é o sentido teórico dessa limitação: manifestar que o tempo da narrativa (da imageria) termina com a juventude do sujeito: não há biografia a não ser a da vida improdutiva. Desde que produzo, desde que escrevo, é o próprio Texto que me despoja (felizmente) de minha duração narrativa. O Texto nada pode contar; ele carrega meu corpo para outra parte, para longe de minha pessoa imaginária, em direção a uma espécie de língua sem memória que já é a do Povo, da massa insubjetiva (ou do sujeito generalizado), mesmo se dela ainda estou separado por meu modo de escrever.

O imaginário de imagens será pois detido na entrada da vida produtiva (que foi, para mim, a saída do sanatório). Um outro imaginário avançará então: o da escritura. E, para que esse imaginário possa desabrochar (pois tal é a intenção deste livro), sem nunca ser retido, garantido, justificado pela representação de um indivíduo civil, para que ele seja livre de seus próprios signos, jamais figurativos, o texto prosseguirá sem imagens, exceto as da mão que traça.

A demanda de amor.





Bayonne, Bayonne, cidade perfeita: fluvial, arejada por sonorosas cercanias (Mouserolles, Marrac, Lachepaillet, Beyris), e, no entanto, cidade fechada, cidade romanesca: Proust, Balzac, Plassans. Imaginário primordial da infância: a província como espetáculo, a História como odor, a burguesia como discurso.



Por um caminho semelhante, descida regular em direção da Poterna (odores) e do centro da cidade. Cruzava-se aí com alguma dama da burguesia baionesa, que subia para sua vivenda das Arenas, com um pacotinho da loja “Bom Gosto” na mão.

Os três jardins

“Aquela casa era uma verdadeira maravilha ecológica: não muito grande, colocada ao lado de um jardim bastante vasto, parecia um brinquedo-maquete de madeira (de tal forma o cinza desbotado de seus postigos era suave). Com a modéstia de um chadado, ela era entretanto cheia de portas, de janelas baixas, de escadas laterais, como um castelo de romance. Dando para um só lado, o jardim continha, entretanto, três espaços simbolicamente diversos (e passar o limite de cada espaço era ato notável). Atravessava-se o primeiro jardim para chegar à casa; era o jardim mundano, ao longo do qual se acompanhavam aos passinhos, e com grandes pausas, as damas baionesas. O segundo jardim, diante da própria casa, era feito de miúdas alamedas arredondadas em torno de dois gramados gêmeos; aí cresciam rosas, hortênsias (flor ingrata do Sudoeste), luisiana, ruibarbo, ervas caseiras em velhos caixotes, uma grande magnólia cujas flores brancas chegavam à altura dos quartos do primeiro andar; era ali que, durante o verão, impávidas sob os pernilongos, as damas B. se instalavam em cadeiras baixas, para fazer tricôs complicados. No fundo, o terceiro jardim, com exceção de um pequeno pomar de pessegueiros e framboesiras, era indefinido, ora baldio, ora plantado com legumes grosseiros; íamos pouco ali, e somente pela aléia central.”

O mundano, o caseiro, o selvagem: não é esta a própria tripartição do desejo social? Desse jardim baionês, passo sem estirpato aos espaços romanescos e utópicos de Júlio Verne e de Fourier.

(Essa casa está hoje desaparecida, levada pela Imobiliária baionesa.)





O grande jardim formava um território assaz estranho. Dir-se-ia que ele servia principalmente para enterrar as ninhadas excedentes de gatinhos. No fundo, uma aléia mais sombria e duas bolas ocas de buxo: alguns episódios de sexualidade infantil ali aconteceram.

Fascina-me a empregada.



Os dois avôs



Em sua velhice, ele se aborrecia. Sempre sentado à mesa antes da hora (embora essa hora fosse constantemente antecipada), vivia cada vez mais adiantado, de tanto que se aborrecia. Ele não tinha nenhum discurso.

Ele gostava de caligrafar programas de audições musicais, ou de fabricar leitoris, caixas e coisinhas de madeira. Também não tinha nenhum discurso.



As duas avós

Uma era bonita, parisiense. A outra era boa, provinciana: embebida de burguesia — não de nobreza, da qual, entretanto, ela saíra —, tinha um sentimento vivo da narrativa social, que desenvolvia num francês apurado de convento, onde persistiam os imperfeitos do subjuntivo; o mexerico mundano a devorava como uma paixão amorosa; o objeto principal do desejo era uma certa Madame Leboeuf, viúva de um farmacêutico (enriquecido pela invenção de um antisséptico), uma espécie de buxo preto, adereçado e bigodudo, que devia ser atraído para o chá mensal (continua em Proust).

(Nessas duas famílias de avós, o discurso pertencia às mulheres. Matriarcado? Na China, há muito tempo, toda a comunidade era enterrada em volta da avó.)





A irmã do pai: ficou sozinha a vida inteira.



O pai, morto muito cedo (na guerra), não estava preso a nenhum discurso da lembrança ou do sacrifício. Por intermédio da mãe, sua memória, jamais opressiva, apenas roçava a infância, com uma gratificação quase silenciosa.





O focinho branco do bonde da minha infância.



Freqüentemente, à noite, para retornar à casa, uma volta pelas Alamedas marinhas, ao longo do Adour: grandes árvores, barcos deserdados, vagos passeantes, deriva do tédio: rondava por ali uma sexualidade de jardim público.



Je soussigné, Lion Barthes, Inspecteur aux chemins
de fer du Midi, en résidence à Marmande (Lot-et-Garonne) reconnais
devoir à mon oncle, M. Paul Raymond, Chef de bureau à la
Préfecture de Seine-et-Oise, en résidence à Versailles, la somme
de Cinq cent francs que je me suis obligé à lui rembourser en totalité
à la date du premier Décembre mil huit cent quatre vingt quatre, et
dont je m'engage à lui payer les intérêts à raison de 5% l'an, le
1^{er} Juin 1884 et le 1^{er} Décembre de la même année.

À Marmande, le 1^{er} Décembre 1883

Approuvé l'écriture ci-dessus.

Barthe Barthes
né à Sapaleu.

L. Barthes

Não foi a escritura, durante séculos, o reconhecimento de uma dívida, a garantia de uma troca, a firma de uma representação? Mas, hoje, a escritura vai indo lentamente para o abandono das dívidas burguesas, para a perversão, a extremidade do sentido, o texto...

O romance familiar

De onde vêm eles? De uma família de tabeliães da Alta-Garonne. Eis-me provido de uma raça, de uma classe. A foto, policial, o prova. Este jovem de olhos azuis, cotovelo pensativo, será o pai de meu pai. Última estase dessa descida: meu corpo. A linhagem acabou produzindo um ser para nada.





De geração a geração, o chá: índice burguês e encanto certo.



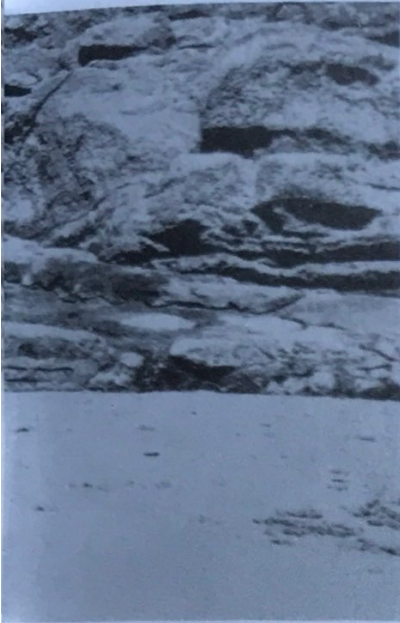


*Le stade du miroir :
« tu es cela. »*

O estágio do espelho: "tu és isto."



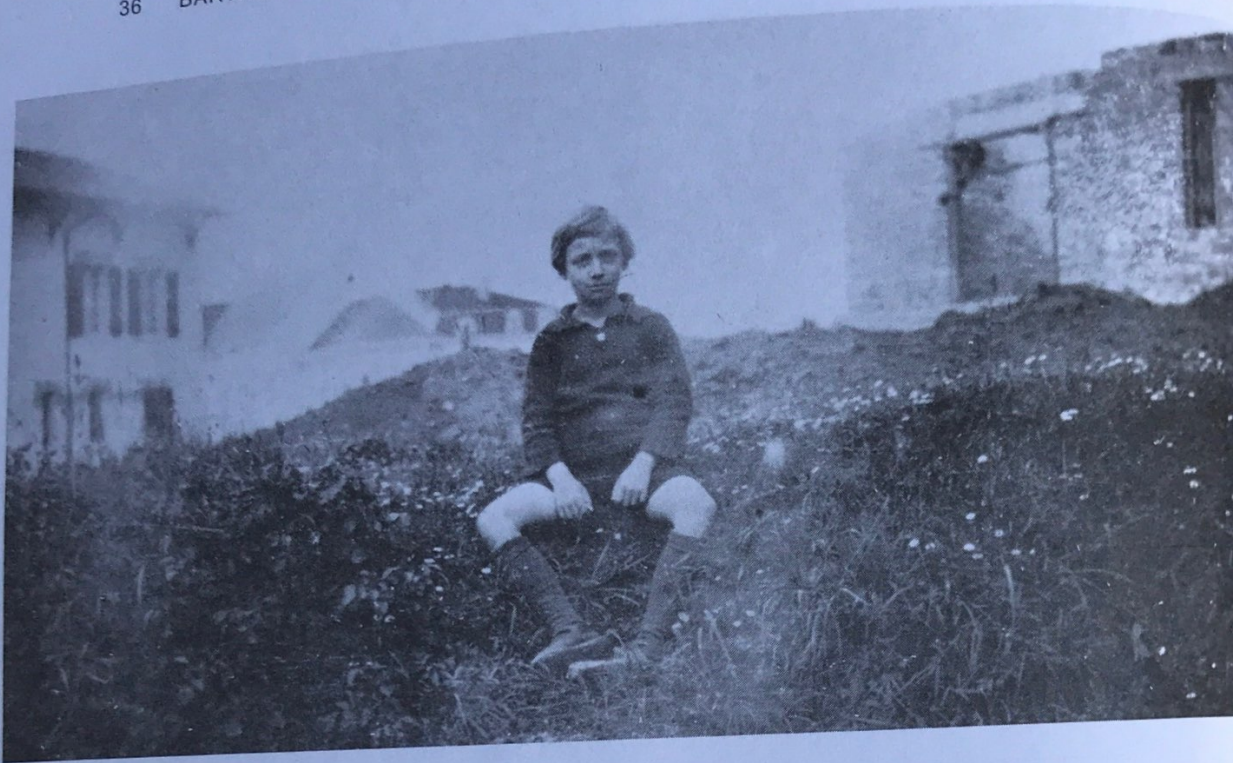
Do passado, é minha infância que mais me fascina; somente ela, quando a olho, não me traz o pesar do tempo abolido. Pois não é o irreversível que nela descubro, é o irredutível: tudo o que ainda está em mim, por acessos; na criança, leio a corpo descoberto o avesso negro de mim mesmo, o tédio, a vulnerabilidade, a aptidão aos desesperos (felizmente plurais), a emoção interna, cortada, para sua infelicidade, de toda expressão.



Contemporâneos?

*Eu começava a andar,
Proust vivia ainda e
terminava a Busca.*





Em criança, eu me entediava freqüentemente, e muito. Isso começou visivelmente muito cedo, e continuou durante toda a minha vida, por lufadas (cada vez mais raras, é verdade, graças ao trabalho e aos amigos), e sempre foi visível. É um tédio de pânico, chegando mesmo ao desamparo: como aqueles que experimento nos colóquios, conferências, noitadas estrangeiras, divertimentos de grupo: por toda a parte onde o tédio pode ser visto. Seria pois o tédio minha histeria?



Desamparo: a conferência.

Tédio: a mesa-redonda.





“A delícia daquelas manhãs em U.: o sol, a casa, as rosas, o silêncio, a música, o café, o trabalho, a quietude insexual, a vacância das agressões...”



A família sem o familialismo.



"Nós, sempre nós"...



... mais os amigos.

Mutação brusca do corpo (à saída do sanatório): ele passa (ou acredita passar) da magreza à gordura. Desde então, debate perpétuo com esse corpo, para lhe devolver sua magreza essencial (imaginário de intelectual: emagrecer é o ato ingênuo do querer-ser-inteligente).





Naquele tempo, os liceanos eram homenzinhos.

Toda lei que oprime um discurso é insuficientemente fundamentada.

9 Sujet fort bien compris, traité avec goût, personnalité, et de façon très intéressante; - Dans un style un peu gauche par endroits, mais Barthes toujours sûr et sûr. - La "difficulté" samedi 13 Mai 1933.
 1 A 1 imaginée par vous est assez curieuse; mais pas assez probable. Essayez. Vous qu'on doit attendre une révolution sociale pour que la supériorité de la tête bien faite sur la tête bien pleine apparaisse ?
 Devon de français.

" J'ai lu dans un li-
 quel est cet on mystérieux? me qu'on nous apprend à vivre
 - Votre premier flux est bien d'être quand la vie est passée. La leçon
 d'être. fut cruelle pour moi, qui, après avoir
 passé la première partie de ma jeu-
 nesse dans l'illusion trompeuse
 d'être un homme invincible parce
 qu'instruit, me vois aujourd'hui,
 grâce aux hasards des mouvements
 politiques ^{de haut} à un rôle secondaire
 et fort décevant.

Imp. ^{Car il y a} le ^{très} rôle joué qui
 est décevant; c'est l'espérance d'en obtenir un
 plus brillant.

Illy.

. Issu de l'aristocratie bour-
 geoise d'autrefois, qui ne prévoyait
 certes pas qu'elle touchait à sa fin,
 je fus élevé par un précepteur à
 l'ancienne mode, qui m'enseigna
 beaucoup de choses; il croyait qu'il

Dario, que eu representava sempre com o maior medo, tinha duas grandes falas nas quais eu corria sempre o risco de me embrulhar: ficava fascinado pela tentação de pensar em outra coisa. Pelos buraquinhos da máscara, eu não podia ver nada, a não ser muito longe, muito alto; enquanto recitava as profecias do rei morto, meu olhar pousava sobre objetos inertes e livres, uma janela, uma saliência na parede, um canto de céu: eles, pelo menos, não tinham medo. Eu tinha raiva de mim mesmo por me ter deixado agarrar naquela armadilha desconfortável — enquanto minha voz continuava sua recitação igual, rebelde às expressões que eu lhe devia dar.



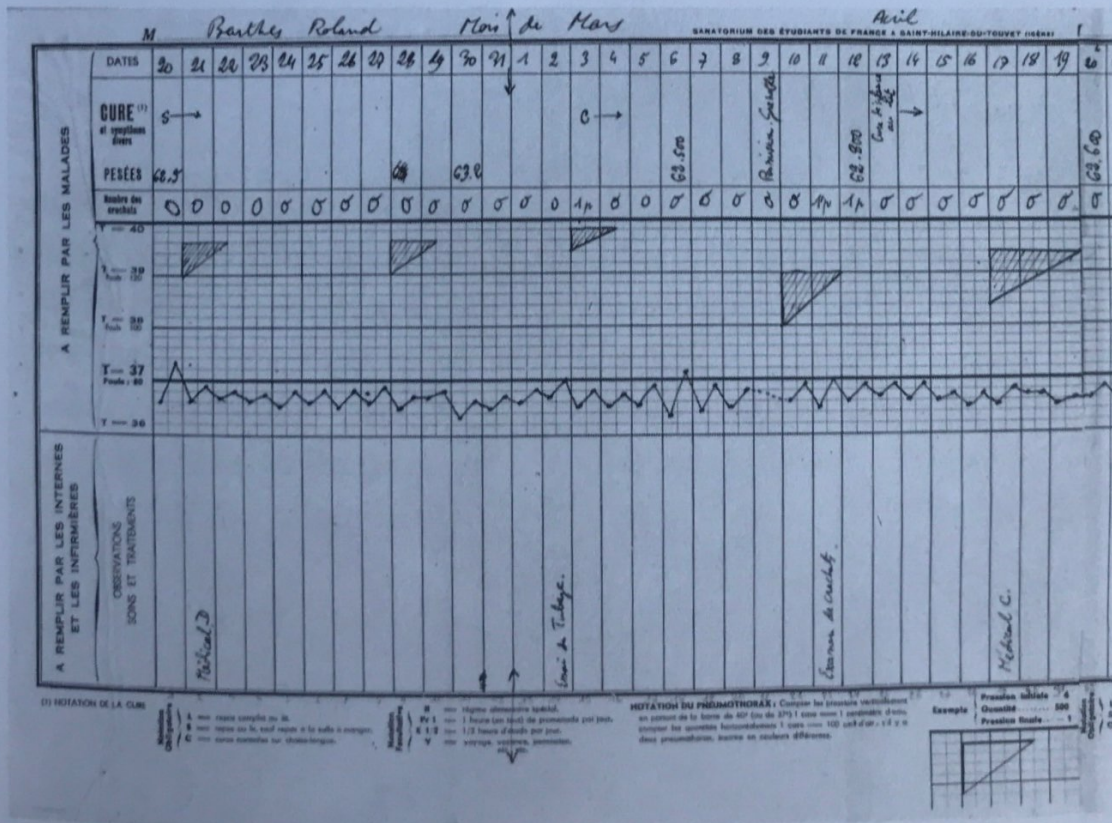
De onde vem pois este ar? A Natureza? O Código?



A tuberculose-retrô

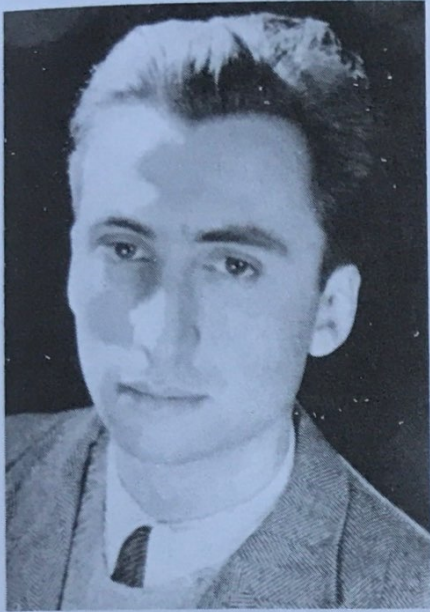
(Cada mês, colocavam uma nova folha na beirada da antiga; por fim, havia metros delas: modo-farsa de escrever seu corpo no tempo.)

Doença indolor, inconsistente, doença limpa, sem cheiros, sem "isto"; ela não tinha outras marcas a não ser seu tempo, interminável, e o tabu social do contágio; quanto ao mais, estava-se doente ou curado, abstratamente, por um puro decreto do médico; e, enquanto as outras doenças dessocializam, a tuberculose nos projetava numa pequena sociedade etnográfica que tinha algo de tribo, de convento e de falanstério: ritos, constrangimentos, proteções.



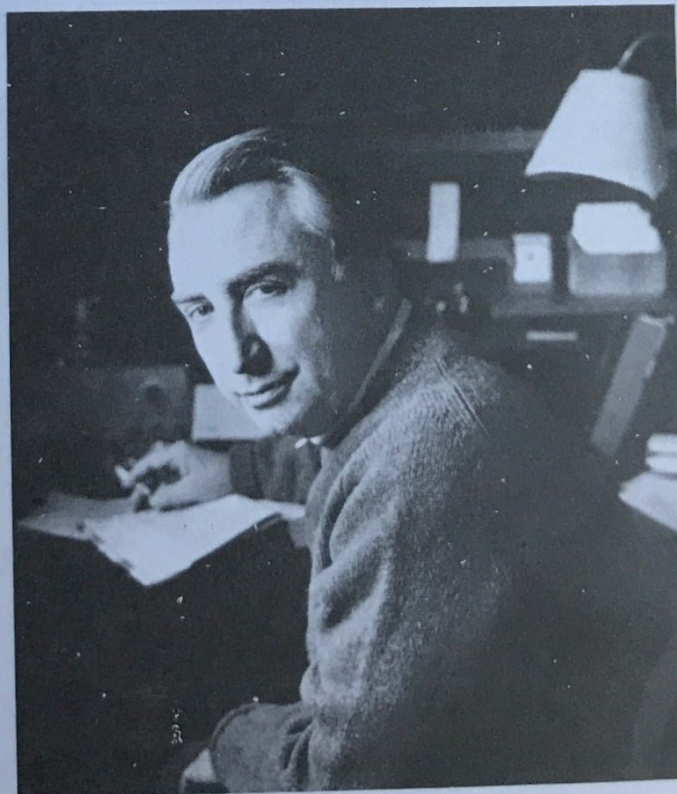
Mas eu nunca me pareci com isto!

— *Como é que você sabe? Que é este “você” com o qual você se pareceria ou não? Onde tomá-lo? Segundo que padrão morfológico ou expressivo? Onde está seu corpo de verdade? Você é o único que só pode se ver em imagem, você nunca vê seus olhos, a não ser abobalhados pelo olhar que eles pousam sobre o espelho ou sobre a objetiva (interessar-me-ia somente ver meus olhos quando eles te olham): mesmo e sobretudo quanto a seu corpo, você está condenado ao imaginário.*

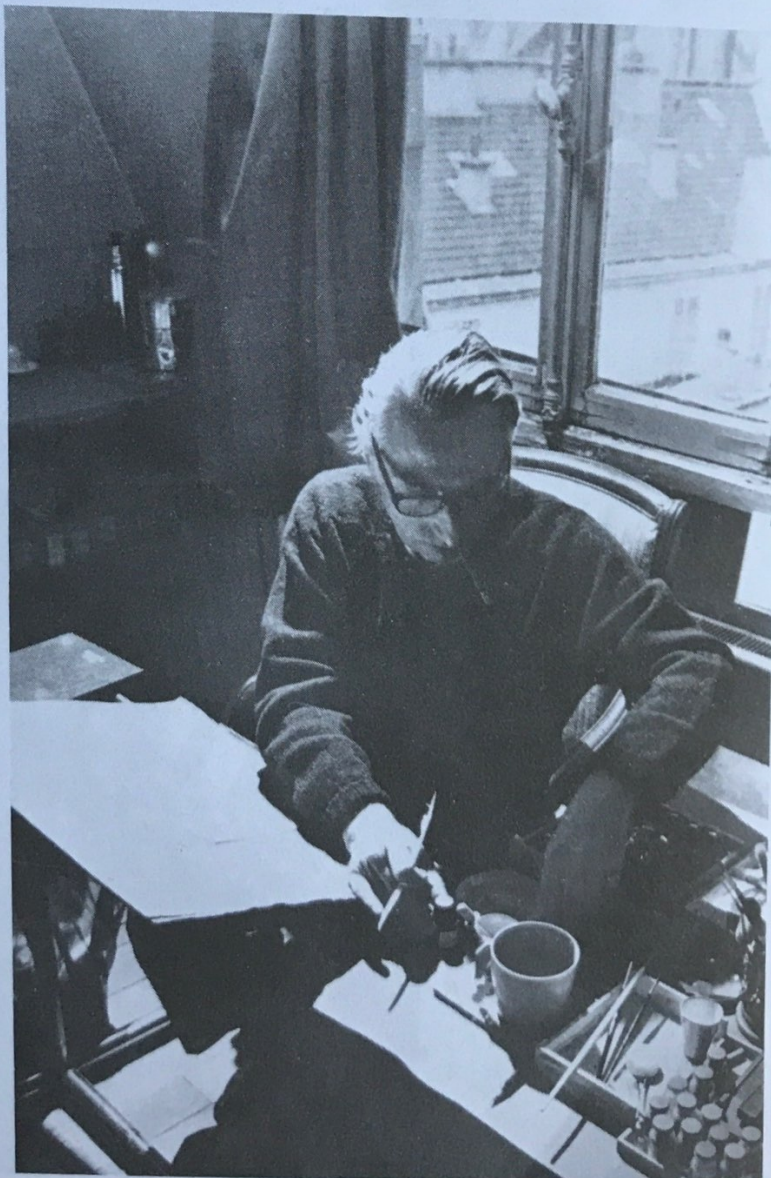


1942

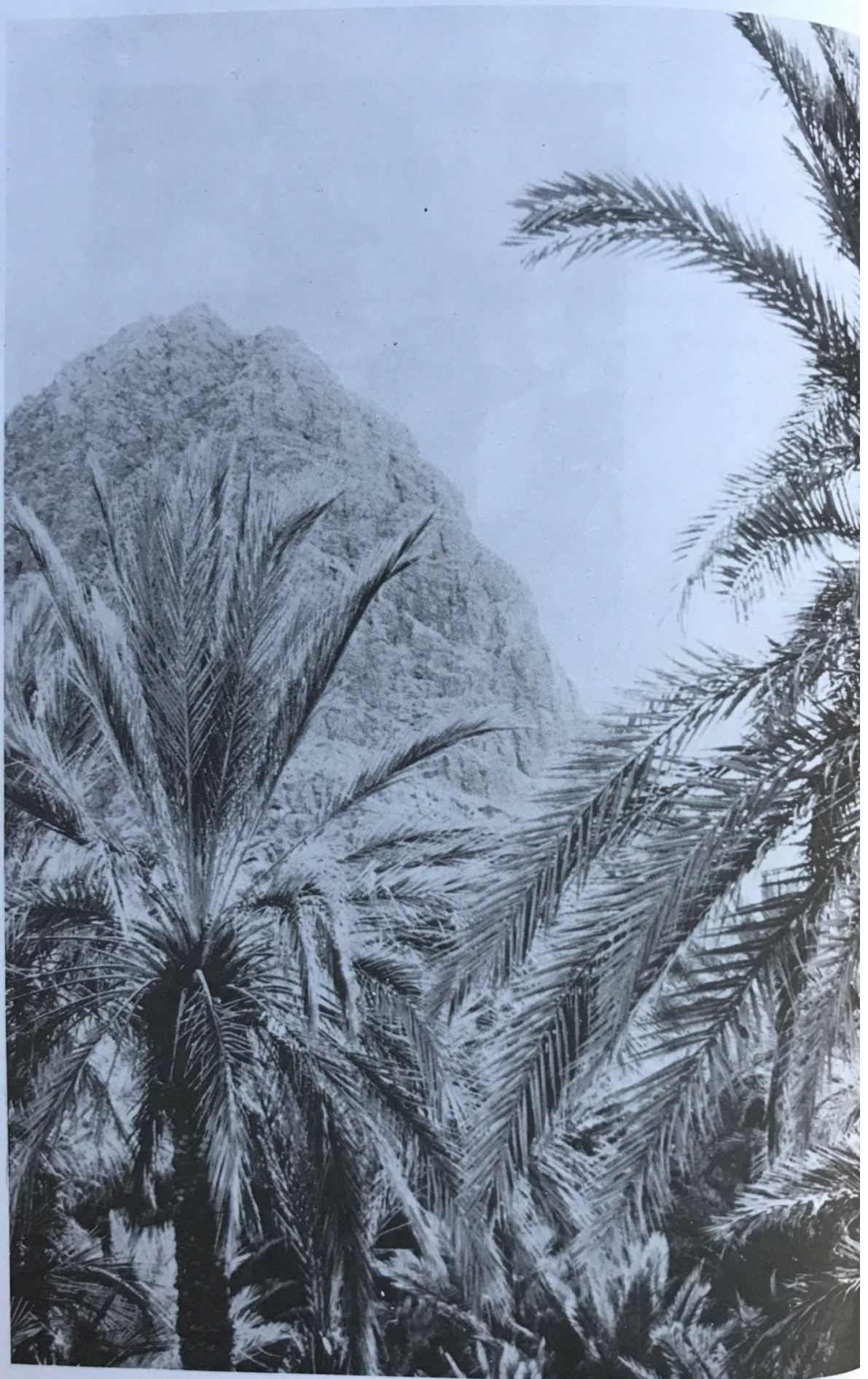
1970



Meu corpo só está livre de todo imaginário quando reencontra seu espaço de trabalho. Esse espaço é, em toda parte, o mesmo, pacientemente adaptado ao prazer de pintar, de escrever, de classificar.







Em direção à escritura

As árvores são alfabetos, diziam os gregos. Dentre todas as árvores-letras, a palmeira é a mais bela. Da escritura, profusa e distinta como o repuxo de suas palmas, ela possui o efeito maior: a inflexão.

*No norte, um pinho solitário
Ergue-se sobre uma árida colina.
Cochila; a neve e o gelo
Cobrem-no com seu branco manto.*

*Ele sonha com uma bela palmeira,
Lá longe, no país do sol,
Que se desola, triste e solitária
Sobre a falésia de fogo.*

Heinrich Heine

